

## Nem tudo eram aulas!

Um pouco antes de soar o toque da campainha, já se começava a fazer planos para o abençoado intervalo. A cinco minutos da aula findar, já se ouvia uns burburinhos entre alunos tipo: - "*Vamos ao café?*" outros, "*Vamos fumar um tchen?*", entre outros.

Se por acaso ou propositadamente a campainha não tocava ou não se fazia ouvir, alguns colegas mais atrevidos perguntavam em voz suficientemente alta para que o professor/a ouvisse: - "*Que horas são?*", "*Já tocou?*" ou "*Quanto tempo falta?*", o que provocava uns risos da parte de quem se apercebia da intenção.

Chegando cá fora, eram muitos os sítios para onde ir.

No primeiro ano, um dos sítios muito conhecidos era o café Bonitos, que ficava na paceta em frente à escola. O café era tão frequentado que era normal ver alguns alunos "pregados às cadeiras", chegando ao ponto de alguns Directores terem de se deslocar ao estabelecimento para trazer os alunos para o interior das salas de aula, como aconteceu com alguns colegas da nossa turma.

Outro local bastante frequentado por nós era o café Soares dos Reis. Este café ficava situado em frente ao jardim Soares dos Reis e foi escolhido por nós, porque por cima dele, no 1º andar, existia uma sala de bilhares, que embora parecem banheiras, eram os mais económicos.

Todas as Quintas-feiras numa hora vazia da parte da manhã, quem nos quisesse ver, era lá, de taco na mão a jogar ao "*perde, paga*".

Alguns ficavam simplesmente a ver o jeito de Hélder Silva e o estilo inconfundível de José Miguel nas tacadas.

Já no 11º ano, e com outros gostos e atitudes, mudamos de café e começamos a parar no café Roma. Na altura, remodelado, trabalhavam lá o Sr. Francisco, conhecido por Xico e o Sr. Alfredo. A adesão foi tão grande que aquele café parecia uma sala de aula, com toda a turma do 11º de Electrónica lá metida.

Logo de manhã começavam a chegar, um a um, ainda com alguma remela e iam preenchendo o café até às 8 horas e 15 minutos, altura da primeira aula.

Mais tarde, no intervalo grande de 15 minutos, voltavam a encher o café (fazendo lembrar as marés) para o pequeno-almoço, bastante popular, que era um café e uma torrada. Penso que o pioneiro desta *avalanche* de pães de forma foi o Hugo Alberto e desde aí era vê-las a sair derretendo a

manteiga. Muitos, saíam no meio da confusão sem pagar o café, torrada ou qualquer coisa que tivessem consumido. Seria esquecimento?

A confiança com os empregados era tanta que o café passou a *sala-de-estar*, em que uns iam para lá ver o Sangoku, outros iam ver o resumo do futebol ou do ciclismo na volta a Portugal ou um giro qualquer, mas isto sempre com o comando da televisão na nossa mesa, claro.

Não foram poucas as vezes que Filipe Soares e Vítor Freitas montaram a esplanada a troco de um fino e alguns salgados. Para alguns, o modesto café serviu de sala de estudo, durante o fim-de-semana ou em épocas especiais para exames, mas o sucesso era o mesmo, talvez devido à grande janela que existia e que permitia alguns desvios de olhar para algumas raparigas, ou para contar os carros que passavam.

Mas nem tudo foram rosas para o café Roma, uma vez mudada a gerência, coisa que era normal naquele estabelecimento, os recém-chegados não gostavam do nosso "*à vontade*" no café e o mau estar proporcionado por parte deles, levaram-nos a procurar outro cantinho.

E não foi muito longe. Uns metros mais acima havia um café/pizzaria, o Gambôa que nos acolheu muito bem até final do curso.

No que diz respeito ao pequeno-almoço, havia mais estabelecimentos por onde escolher, um deles, que também era frequentado pela nossa turma era a padaria Abreu que confeccionava uns queques de chocolate, ou não, muito bons que normalmente acompanhava-mos com um leite achocolatado.

Havia quem esticar-se a paciência de outros professores, e caminha-se até ao longo do Largo dos Aviadores e se degustasse na pastelaria *Dec Mel* que ainda levava uns 15 minutos a pé com mais 15 minutos de sermão do professor.

Durante os intervalos, de uma aula para a outra, alguns colegas aproveitavam para ir à casa de banho, para uma ou outra necessidade, mas nunca iam sós, o que dava para adivinhar que as coisas não iam acabar da melhor maneira. Passado alguns segundos já se ouvia o som de bolas de papel higiénico, completamente ensopadas em água, a baterem nas paredes, desfazendo-se, formando espécies de estalagmites no interior da casa de banho. Isto, quando não acertava em cheio na testa de um dos colegas.

Por vezes a batalha estendia-se até aos corredores, deixando um enorme rasto de papel higiénico, como aquela famosa publicidade do cão.

Como a escola não tinha rádio, nem música ambiente, de vez em quando cantávamos umas músicas, mais badaladas na altura, como se estivéssemos em plena rua Santa Catarina, à espera que alguém colocasse uma moedinha. Quando não era com cânticos, o Sérgio "*Balakov*", presenteava-nos com uma batida fazendo lembrar uma fanfarra ou o nosso São Gonçalo.

Nos intervalos mais curtos, sentávamos no varão das escadas que ficava por cima do Buffet. Aquele local era um ponto estratégico, visto que todos e todas, tinham que passar por ali e o dito, mico, passava a ter um melhor alcance. Quem chegava atrasado, perdia os melhores lugares, por isso, alguns vinham a escorregar pelo barão, mas por vezes ficavam pelo caminho, como foi o caso do Ricardo "*Drunfos*" que caiu e só parou dentro do Buffet, junto na dona Aurora.

De Inverno, e em tempo de chuva, os mais aventureiros entretinham-se a escorregar num banco de cimento, no terraço da escola. Como o tampo do banco era em azulejo, as botas não tinham aderência o que nos proporcionava uma patinagem artística. Por vezes havia alguma dificuldade em travar, e sucediam casos como o do Ricardo "*Drunfos*", mais uma vez, que não parou e partiu o vidro do Clube Autartico.

Quando chegava o bom tempo as brincadeiras eram outras. Mais uma vez, utilizando as infra-estruturas de betão, levávamos uma bola de voley e praticávamos um pouco, junto à entrada da escola. Alguns vidros não resistiam a algumas das nossas jogadas mais técnicas, mas os comentários de alguns colegas eram do tipo:

- "*Partiu!!? Não faz mal, como vamos receber, eles depois descontam.*"

Na parte de trás da escola existia uma pequena sala de convívio, com umas mesas onde podíamos jogar damas, xadrez, cartaz, mas os jogos mais viciados eram a Lepra e o Sobe e Desce, que se misturavam com algumas apostas em dinheiro.

A escola não era só constituída por alunos e professores. De vez em quando aparecia por lá companheiro de algumas empregadas de limpeza, que armados em "*xico espertos*", tentavam denegrir a nossa imagem perante os nossos superiores. Com o seu bigodinho e sapatinho, de quem passeia muito pelas ruas do Porto, a hora impróprias, todas as manhãs aparecia no Seminário para trazer a sua companheira, que fazia limpeza na escola, e com algumas ordens superiores trazia também os Livros de Ponto para cima (escola nova). Numa das suas viagens o livro desapareceu, e para não variar a nossa turma teve de acarretar com as culpas.

Para defender a sua companheira, esse tal indivíduo, dirigiu-se à Direcção da escola e culpou-nos dizendo que tinha sido um furto protagonizado por nós. Claro que isto, ao chegar-nos aos ouvidos, não podia ficar impune. Certo dia, no café Roma, escrevemos o seguinte bilhete: - "*A cama que nos fizeste, nela te há-des deitar*". E a partir desse dia nunca mais se ouviu falar dele.

Para uns a escola era perto de casa, mas para a maioria não, então havia que arranjar sitio onde *matar o bicho*, quando chegava a hora do almoço. Alguns escolhiam o buffet, onde se alimentavam com sandes

aquecidas e alguns sumos, outros comiam no café *Roma* e havia também quem aproveitava o protocolo que existia com a escola António Sérgio e iam almoçar à sua cantina. Esse tal protocolo esteve em vias de ser rompido, devido ao comportamento dos colegas que se deslocavam ao recinto.

Apesar do comportamento na cantina ser, como costumávamos dizer, uma autêntica *javadice*, fora da cantina não era melhor.

Paulo Lombo, José Miguel, Sérgio Cunha e Vítor Freitas eram alguns dos clientes acompanhados algumas vezes por Filipe Soares.

Durante o almoço na cantina, era normal encontrarmos o nosso pão mergulhado no copo da água, ervilhas a voarem de uma mesa para a outra, assim como guardanapos e afins, ao contrário dos iogurtes, laranjas, maçãs, que desapareciam num abrir e fechar de olhos.

De vez em quando, até porque as finanças não eram grande coisa, sabia bem uma francesinha ou um cachorro especial com uma cervejinha, então aí íamos ao *Roma*, *Mon Ami* ou mesmo ao Iceberg e tirávamos a barriga de misérias.

Outro local escolhido por nós era o parque de estacionamento do Continente.

José Miguel, Vítor Freitas e Filipe Soares algumas vezes acompanhados por outros colegas da nossa turma dirigiam-se à charcutaria onde compravam rodelas de mortadela, fiambre e queijo, levavam cacetes (não daqueles de fumar) e sentados em cima dos carrinhos das compras, faziam as sandes e bebiam uma garrafa de cerveja.

Quem não gostava muito da situação era o segurança do parque que vinha reclamar que o chão ficava cheio de lixo e migalhas de pão, mas quase sempre se conseguiu contornar a situação.

Tudo isto se passava durante o dia. O pequeno-almoço, o almoço, e o lanche, mas por vezes havia deslocções à escola para umas festas.

A primeira festa que assistimos foi a festa de recepção ao caloiro. Ainda um pouco intimidados pelas caras novas dos mais antigos, passamos maior parte do tempo encostados ao varão das escadas a ver que tipo de ambiente se criava numa festa escolar.

Com o passar do tempo, a nossa confiança estendia-se às outras turma, por intermédio deste ou daquele, lá se ia conhecendo mais uma amigo ou ainda melhor, mais uma amiga, e assim na próxima festa as coisa correriam bem melhor.

Como as festas eram patrocinadas pela escola, só se consumia bebidas sem álcool, coisa que era pouco *fixe*, por isso antes de entrar na escola havia um ponto de encontro perto da estação das Devesas, a Casa Armando.

A casa Armando era um tasco, conhecido por servir uma óptima receita, por isso algumas *esponjas* passavam por lá para se refrescar. Depois, claro,

no caminho até à escola, havia sempre aventuras como duma vez em que o José Miguel se meteu com um condutor e que no fim ia-mos levar com um pau pelas costas abaixo.

O resto da boa disposição era descarregada já dentro do recinto escolar. Por isso não era de admirar quando alguém desligava um disjuntor e a música deixava de tocar, ou se no meio da pista havia uma pequena confusão de pancadaria.

Foi sempre da nossa vontade organizar uma festa, mas dada a nossa imagem de marca na Direcção, essa vontade foi sempre rejeitada e por vezes ignorada por parte do trio.

E se já não nos viam com bons olhos, a coisa piorou quando ao nos negarem fazer a festa do caloiro no nosso último ano, alguém plagiou a assinatura de um dos Directores. Para além da enorme confusão que isso gerou, fomos completamente proibidos de organizar o que quer que fosse.

Este tema ainda podia ser mais longo, se, como todas as outras turmas, nós tivéssemos a felicidade de irmos a uma ou mais visitas de estudo. Durante os três anos que frequentámos a Escola Profissional de Gaia, e estando num curso como o de Electrónica, é incompreensível como não nos presentearam com uma única deslocação.